



BANG, BANG! VOCÊ MORREU: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O BULLYING EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE UM DISPOSITIVO FÍLMICO

¡BANG, BANG! MORISTE: PROBLEMAS DEL BULLYING EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DESDE UN DISPOSITIVO CINEMATOGRAFICO

BANG, BANG! YOU ARE DEAD: PROBLEMATIZATIONS ABOUT BULLYING IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES BASED ON A FILMIC EXHIBITION

Luiz Carlos da Cruz Filho¹

João Victor Vieira da Silva²

Iago de Paula Vilela Mundim³

Thiago Bispo da Silva⁴

Samuel Oliveira Santos⁵

Vagner Matias do Prado⁶

¹ Técnico em Tecnologia da Informação. Graduado em Agronegócios pela Faculdade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU).

² Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU).

³ Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU).

⁴ Pós-Graduando em Fisiologia do Exercício e Prescrição do Treinamento. Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU).

⁵ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bacharel e Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Integrante do GPESP – Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades.

⁶ Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Líder do GPESP – Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades.

RESUMO

Este artigo objetiva descrever e problematizar alguns trechos do filme *Bang, Bang! Você morreu* e vislumbrar como, em aulas de educação física, seria possível promover intervenções pedagógicas para enfrentamento ao *bullying*. Trata-se do trabalho final de uma disciplina de graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo foi provocar questionamentos nos discentes sobre a prática do *bullying* para vislumbrar posições acerca de como pensam essa forma de violência em aulas de educação física. Metodologicamente, a proposta parte do método ensaístico com contribuições da análise documental mediadas por trechos de cenas do material fílmico. Como considerações apontamos que o trabalho contribuiu para que os estudantes de educação física questionassem a produção escolar da violência e refletissem sobre possibilidades para seu enfrentamento por meio da prática pedagógica em Educação Física. Ainda, permitiu com que criticassem o processo de formação inicial de professoras e professores da área que, não raro, secundarizam discussões sobre diferenças, violências e desigualdades.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Educação Física Escolar. Materiais Audiovisuais.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo describir y discutir algunas partes de la película *¡Bang, Bang! Moriste* y vislumbrar cómo, en las clases de educación física, sería posible promover intervenciones educativas para combatir el *bullying*. Se trata del trabajo final de un curso de pregrado de la disciplina de Educación Física en la Universidad Federal de Uberlândia. El objetivo fue provocar preguntas en los alumnos sobre la práctica del *bullying* para vislumbrar posiciones sobre cómo piensan este tipo de violencia en las clases de educación física. Metodológicamente, la propuesta parte del método ensayístico con aportes del análisis documental mediado por extractos de escenas del material fílmico. Como consideraciones señalamos que el trabajo contribuyó para que los estudiantes de educación física cuestionaran la producción escolar de violencia y reflexionaran sobre las posibilidades de enfrentarla a través de la práctica pedagógica en Educación Física. También, les permitió criticar el proceso de formación inicial de los profesores del área, que no pocas veces, secundariza las discusiones sobre las diferencias, la violencia y las desigualdades.

PALABRAS-CLAVE: Intimidación. Educación Física Escolar. Materiales Audiovisuales.

ABSTRACT

This article aims to describe and discuss some parts of the movie *Bang, Bang! You died and see how*, in physical education classes, it would be possible to promote pedagogical interventions to combat bullying. This is the final work of an undergraduate course in Physical Education at the Federal University of Uberlândia. The goal was to raise questions among the students about the practice of bullying in order to glimpse positions about how they think this form of violence in physical education classes. Methodologically, the proposal is based on the essayistic method with contributions from documentary analysis mediated by excerpts of scenes from the film material. As considerations, we point out that the work contributed for physical education students to question the school production of violence and to reflect about possibilities to face it through pedagogical practice in Physical Education. It also allowed them to criticize the process of initial formation of teachers of the area, which often sidelines discussions about differences, violence, and inequalities.

KEYWORDS: Bullying. School Physical Education. Audiovisual Materials.

Introdução

O presente artigo é resultado de um trabalho avaliativo final do componente curricular “Prática Pedagógica e Diversidade Humana – PIPE 04”, disciplina obrigatória do curso de Educação Física (Bacharelado/Licenciatura) da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O PIPE 4 tem como intuito possibilitar com que graduandas e graduandos conheçam “outras realidades educacionais e a implicação metodológica da atividade física para diferentes grupos, que compõem a diversidade humana e ainda, promover a inclusão por intermédio de práticas coletivas” (FAEFI, 2011, p. 120).

A oferta do componente foi proposta no período noturno do curso integral, estratégia utilizada para contribuir com um pequeno grupo de estudantes, possíveis formandos, que, por conta de não poderem adentrar ao ambiente escolar para observarem aulas de educação física a noite, necessitaram de um plano de trabalho que fosse adequado para suprir tal lacuna. Assim, de maneira consensual, desenvolveram leituras sobre violência nas escolas e práticas de *bullying* e foi proposto com que assistem a um filme sobre o tema e se provocassem sobre análises de como essa forma de violência pode reverberar em aulas de educação física nas escolas.

O filme *Bang, Bang! Você morreu (BANG BANG YOU'RE DEAD, EUA, 2002)* é baseado em uma peça de teatro homônima. Retrata a história de um jovem estadunidense que vivencia situações de *bullying* por parte de seus colegas de escola.

A escolha do filme se deu por ele tratar de um tema que, por mais que tenha sido retratado nos anos 2000 nos Estados Unidos, ainda é bastante atual. O material audiovisual possibilita materializar de que maneira a marcação social de diferenças e a perseguição constante contra alunos considerados “diferentes” pode provocar situações constrangedoras, de humilhação e de construção de senso de não pertencimento nos espaços escolares. De forma mais específica, a trama foca na produção, relações e consequências vivenciadas no contexto escolar pela prática do *bullying*.

O objetivo do trabalho desenvolvido, e que possibilitou a escrita deste artigo, foi provocar questionamentos nos discentes sobre a prática do *bullying* para vislumbrar posições acerca de como pensam essa forma de violência em aulas de educação física. Metodologicamente, a proposta parte do método ensaístico com contribuições da análise documental mediadas por trechos de cenas do material fílmico.

Para tal, após esta breve introdução, apresentamos uma sinopse do filme e uma discussão sobre como a arte abre espaços para pensar em realidades escolares atravessadas pelo *bullying*. Posteriormente, descrevemos algumas cenas do filme e problematizamos, a partir de descrições, como as percepções dos estudantes envolvidos com o trabalho de redação deste material permitem refletir sobre práticas de violência nas escolas em intersecção com o trabalho pedagógico em educação física. Por fim, seguem algumas considerações desses possíveis futuros professores de educação física sobre possibilidades de pensar em práticas pedagógicas que atentem para as diferenças culturais e as relações de poder e desigualdades que elas instituem.

Bang, bang! Você Morreu!

Travor Adam (Bem Foster) é um jovem que reside em uma cidade no interior dos Estados Unidos. Filho de uma mãe bancária e um pai dono de uma lavanderia, leva uma vida simples, mas problemática no que diz respeito a sua relação com seus genitores e colegas.

Em parte de seu cotidiano escolar é importunado e agredido por outros estudantes até que, em um momento estressante, faz ameaças a seus agressores ao dizer que colocaria uma bomba no campo de futebol da escola e explodiria a todos, sendo estes representados, principalmente, por jogadores do time de futebol americano da instituição. O protagonista do longa metragem cumpre parte da promessa, colocando uma bomba no campo de futebol. Todavia, não aciona o artefato, que estava desarmado.

A partir dessa cena ele vê sua vida ser transformada, passando a ser considerado *persona non grata* pelos pais e alunos da cidade, atraindo para si todo o foco de atenção e preocupação. Na escola, a direção instrui os seguranças a, diariamente, revistar todos os alunos e seus pertences, além de adotar “política de tolerância zero” que consistia em aplicar regras de expulsão para estudantes que fossem encontrados em posse de qualquer tipo de artefato que poderia ser utilizado para mobilizar formas de violência.

A arte imita a realidade?

Para entender mais sobre o comportamento de Travor e como ele chegou ao limite devemos questionar de que maneira as “agressões” que ele sofreu se deram e o

porquê. Destacamos que o foco dessa reflexão não é justificar a violência, antes, compreendê-la como uma produção sociocultural multifatorial.

A violência, de modo geral, acompanha grupos humanos em diferentes contextos. Esteve (e está!) presente em nossos cotidianos como uma forma de medir forças entre os seus oponentes, hierarquizar e subjugar.

Com a criação da instituição escola, esse fenômeno, que antes era visto em grupos sociais como: família, vizinhança, tribos, comunidades, passou a ser observado durante os processos de escolarização, em todos os seus níveis e modalidades. Como relatado por Louro (1997) a escola se presente na nomeação, classificação e separação de pessoas, fato que pode contribuir para a produção de pensamentos de inferioridade de uns em relação a outros.

Em meados da década de 1970, com um número exponencial de casos de violência nas escolas. Tal fato desencadeou uma série de estudos sobre diferentes formas de violência entre escolares. Dentre elas, a necessidade de nomeação de formas de violência entre pares, o que se convencionou a ser denominado como “fenômeno *bullying*” (FANTE, 2012).

Fante (2012) relata que o *bullying* é um “fenômeno” novo, pois vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas. Segundo a autora, as discussões ganharam destaques a partir dos anos 1990, principalmente a partir dos trabalhos de Olweus (1993), Smith e Sharp (1994), Ross, (1996) e Rigby (1996).

Todavia, pesquisadores e pesquisadoras encontraram problemas ao pesquisar sobre o fenômeno fora dos Estados Unidos, pois os termos encontrados para descrever o que seria o *bullying* são distintos, sendo que possíveis traduções do termo não estão isentas de ressignificações culturais.

Fante (2012) destaca que em estudos realizados em 14 países foram encontradas 67 palavras relacionadas ao termo *bullying*, mas em nenhuma dessas havia referências ao termo usado em inglês. Com isso, defendeu-se a elaboração de um termo que pudesse universalizar a compreensão da prática do *bullying* e suas consequências durante processos de escolarização. Dessa maneira, a literatura da área passou a conceituar *bullying* como:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente,

acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2012, p. 28-29).

Segundo Lopes Neto e Saavedra (2004) pode-se classificar o *bullying* de duas formas. A forma direta, quando as vítimas são atacadas diretamente (apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos). E a indireta, quando as vítimas estão ausentes (compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos).

Corroborando os autores supracitados, Naiane Carvalho Wendt Schultz e colaboradores (2012), destacam que as formas diretas de ameaças são mais utilizadas por meninos, já as formas de exclusões indiretas, normalmente, são empregadas pelas meninas, fato que nos permite problematizar que essa prática de violência é atravessada por relações de gênero. Cabe ressaltar ainda que o *bullying* indireto é mais difícil de identificar, pois as ameaças podem não ser direcionadas diretamente para possíveis vítimas e a banalização de atitudes violentas como se fosse “mera brincadeira” ainda faz parte do contexto de escolarização, como sinalizado por Rosa (2004) ao discutir a homofobia.

Lopes Neto e Saavedra (2004) classificam os/as alunos(as) que se envolvem nessa forma de violência conforme sua participação na prática do *bullying*, sendo: 1) Alvos de *bullying*: aqueles que são expostos de forma repetida e durante algum tempo, a ações executadas por outros alunos. Geralmente são pouco sociáveis, fazem poucos amigos, sofrem de baixa autoestima e timidez. Algumas características físicas ou comportamento social podem torná-los mais vulneráveis as ações dos/das agressores/as; 2) Autores de *bullying*: são aqueles que podem sofrer com algum desarranjo familiar, seja por falta de afeto ou excesso de tolerância ou permissividade, fatores individuais também influenciam no comportamento agressivo. O autor de *bullying* é tipicamente popular, pode ser agressivo com adultos, vê essa agressividade como uma qualidade, geralmente é mais forte que o seu alvo, sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar dor e sofrimento a vítima. 3) Testemunhas de *bullying*: são aqueles que acompanham o ato de agressão, mas com medo de se tornarem vítimas, acabam por não denunciar os autores. Grande parte das testemunhas sentem simpatia pelos alvos, não culpando-os pelo ocorrido. 4) Alvos/Autores de *bullying*: são aqueles que sofrem e praticam a violência, comumente podem ser depressivos, inseguros e inoportunos,

procuram agredir e/ou humilhar seus alvos para encobrir suas limitações. Se diferenciam dos alvos, por serem impopulares e ter uma rejeição grande de seus colegas ou pela turma (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004).

No entanto, Schultz e colaboradores (2012, p. 249) salientam que é fundamental diferenciar o “*bullying* de brincadeiras turbulentas, nas quais se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos, bem como de atos de indisciplina ou insubordinação, de agressividade e de comportamentos antissociais”, visto que essas condutas não implicam em atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de defender-se das ameaças.

O *bullying* precisa ser amplamente discutido, pois seu enfrentamento passa, necessariamente, por mudanças socioculturais e alterações na Educação. É preciso enfrentá-lo de forma sistemática para evitar que se torne um problema crônico nas escolas brasileiras.

Todavia, cabe problematizar que o termo *bullying*, quando utilizado de forma generalista para se referir a diferentes formas de violência entre escolares contribui, de certa forma, para invisibilizar processos históricos e sociais que o produz. Como exemplo, citamos a injúria racial que, quando não nomeada e discutida a partir de suas especificidades, dificulta planejar ações que possam contribuir para seu enfrentamento nas escolas. Nesse sentido, racismo não é “*bullying*”, e sim racismo!

Poderíamos estender essa análise a outros marcadores sociais de diferenças, tais como as violências de gênero, LGBTQIA+fobias, intolerância religiosa, questões relacionadas ao capacitismo etc. Nessa esteira, defendemos que se faz necessário nomear a violência que coloca em ação as práticas de *bullying* no contexto escolar. É preciso destacar e diferenciar o *bullying* racista, do *bullying* LGBTQIA+fóbico, *bullying* de gênero e assim consecutivamente.

Algumas evidências nos apontam que a prática de bullying faz parte do cotidiano de estudantes ainda na educação básica. O estudo de Weimer e Moreira (2014), de característica descritiva com abordagem qualitativa, realizado com 55 alunos de uma escola pública estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Cuiabá, MT, com idades entre 10 e 14 anos, nos apresenta dados importantes sobre as discussões até aqui desenvolvidas. Cerca de 53% dos entrevistados disseram já ter sido agredidos verbalmente e 20% sofreram algum tipo de agressão física no contexto escolar.

Já no ambiente das aulas de Educação Física, 51% dos alunos sofrem ou já sofreram com agressões, e 50% dos entrevistados apontaram que sofrem ou já sofreram violência verbal como apelidos, zombaria ou xingamentos. O estudo ainda aponta que, muitas vezes, alunos que eram testemunhas das manifestações de violência sentiam empatia, reprovando os atos de agressão e *bullying*, mas preferiam não intervir uma vez que tinham medo de se tornar vítima (WEIMER; MOREIRA, 2014).

A partir desses dados é possível presumir a existência de formas de agressões e intimidações no contexto escolar. Logo, as evidências explicitadas apontam para a importância de discutirmos temas como o *bullying* em um ambiente como a Educação Física. Nesse sentido, se faz necessário problematizar a importância da disciplina de Educação Física no contexto do reconhecimento da Diversidade Humana.

No que se refere à disciplina que possibilitou a elaboração deste artigo, o componente curricular tem se apresentado como um espaço aberto ao diálogo e discussões para a formação de professores e professoras de educação física, com vistas ao enfrentamento de diferentes formas de violência no contexto escolar. Nesse sentido, Bernardo e Vasconcellos (2021) identificam três momentos no processo de formação de professores e professoras: 1) a formação inicial; 2) a indução nos primeiros anos de exercício profissional e; 3) o desenvolvimento por meio da formação contínua. Assim, o trabalho em tela foi motivado por um exercício de, durante a formação inicial, provocar discussões sobre processos escolares que podem produzir violências entre pares.

O professor é o profissional metamorfo que se adapta às condições que lhe são ofertadas e, nesse contexto, precisa estar receptivo à formação constante, seja para aperfeiçoamento, melhoria, ou aquisição de novos conhecimentos. Parte importante da formação docente é compreender que seu trabalho necessita dessas e de muitas outras e novas competências para acontecer. Ter a consciência desse processo é fundamental para que continue a trabalhar e investir na construção de uma identidade profissional sólida e consistente com seu esforço e dedicação. (BERNARDO; VASCONCELLOS, 2021, p. 13).

Partindo do pressuposto que a “adaptação” “às condições que lhe são ofertadas” inclui possibilitar aos estudantes discussões e problematizações sobre situações presentes na realidade escolar, dentre estas, relações de poder produtoras de desigualdades e violências. Com isso, provocar questionamentos sobre o *bullying* durante a formação inicial de professoras e professores de educação física contribui para produzir uma formação inicial “como sendo o caminho teórico para a [...] habilitação do exercício profissional docente” (BERNARDO; VASCONCELLOS, 2021, p. 3).

Exercitando o olhar para o *bullying* por meio do filme: articulações entre arte, formação de professores/as e práticas pedagógicas em Educação Física

Cena 1: toda ação, gera uma reação?

Cena, 6min do início do filme - Estabelecendo as diretrizes e a hierarquia social que prevalecem no ambiente do filme

Ao procurar uma mesa para poder se sentar durante o período do intervalo, é apresentado para a personagem Jenny, interpretada pela atriz Jane McGregor, como é estabelecido as divisões da hierarquia sociais existentes na escola. Essa cena, logo no início do filme, é importante para que o público possa entender o desenrolar da trama, pois nela é estabelecido todo o contexto social no qual a história se passará.

Na cena descrita é possível perceber que cada grupo social da escola ocupa uma mesa diferente durante o período de lanche, de acordo com seu respectivo nível de popularidade no local. Tal cena parece retratar como, geralmente, certa cultura escolar estadunidense é representada em algumas obras hollywoodianas que retratam o *High Scholl* estadunidense. Ao tentar se sentar em um determinado lugar é dito para a personagem que ela não poderia se sentar onde quisesse, pois a mesa em questão só poderia ser ocupada por atletas, líderes de torcidas, ou amigos deles, ou seja, aqueles que ocupavam um lugar de destaque naquele ambiente, os mais populares. logo em seguida é apresentado a ela a composição das demais mesas, apresentação essa que é feita propositalmente de maneira que fosse estabelecido uma ordem decrescente na hierarquia social do local.

Com tais informações, é possível que o público que assista a trama entenda a dominância e abusos que os grupos considerados como “mais populares” exercem com os demais, durante todo o filme.

Como relatado por Louro (1997, p. 57):

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças,

católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

A instituição escola parece herdeira de processos de classificação, hierarquização e posicionamento social dos corpos. Além dos conhecimentos ditos “científicos”, ela nos ensina qual o nosso “papel” nos espaços sociais. Nesse sentido, as diferenças parecem mobilizar estratégias de posicionamento que subalternizam algumas expressões de vida.

Cena 2: as violências nas escolas: entre omissões, banalização e naturalismos

Cena, 54min50seg do início do filme

Nesse trecho de cena vemos um dos amigos de Trevor (que era nomeado pelos estudantes da escola como um dos trogloditas) sofrendo *bullying*. Ele entra no banheiro, onde estavam mais três estudantes (os considerados valentões) que decidem, no mesmo instante, pegar o amigo de Trevor a força e levá-lo para o vaso sanitário, de cabeça para baixo, para colocar sua cabeça dentro da água com urina.

Percebemos que, na cena transcrita, que as agressões suscitadas pelo filme para que problematizemos a prática do *bullying* não são somente com foco e danos psicológicos, tais como quando as pessoas insultam, xingam ou ameaçam, outras. Também podem ser físicas que afetam não somente a mente, mas causam danos nos corpos.

Como consequência, no desenrolar da trama cinematográfica, vemos cenas, ao final do filme, em que esse aluno que sofreu a agressão transcrita no parágrafo anterior, resolve, junto com seus amigos que também sofrem *bullying*, realizar um tiroteio na escola para aniquilar aqueles que fizeram tanto mal para eles.

Essas agressões variam, como colocar o estudante dentro do armário, colocar na lixeira, empurrões, dentre várias outras formas de violentar o “outro”. Sabendo dessa “hierarquia” que existe na escola, principalmente como retratado em parte de escolas estadunidenses, percebemos certa falta de apoio das vítimas, inclusive por parte da família. No caso do filme ora analisado, ao invés de ajudarem a resolver esses problemas que acontecem dentro da escola, ouvindo o filho, usam de desculpa o fato de em suas épocas também ser assim e ter essa “hierarquia”.

No que se refere às teorizações sobre processos socioculturais que produzem desigualdades e violência no contexto escolar, a Sociologia da Diferença (MISKOLCI, 2012; SILVA, 2000) pode contribuir para problematizarmos algumas questões. Para

essa perspectiva teórico-analítica, as sociedades e suas instituições estão imersas em discursos que produzem os corpos como normais ou anormais. Nesse viés, os sujeitos considerados como “normais”, não adequados, que fogem dos padrões considerados como legítimos são nomeados, desqualificados e submetidos a diferentes práticas de preconceito, discriminação e violência.

Segundo Miskolci (2012), as instituições escolares (re)produzem esse sistema de (des)qualificação social com base em diferentes marcadores, tais como “raça”, etnia, gênero, religião, sexualidade, dentre outros. Os corpos forjados com essas marcas são submetidos a um processo naturalizado de comparação com um padrão arbitrário que elege o homem branco, viril, reprodutor, cristão, de classe médio, ocidental e heterossexual como modelo de normalização. Os grupos que fogem desse modelo são posicionados socialmente com o estigma do não pertencimento, tendo, inclusive, a ideia de suscetibilidade a violência justificada.

Segundo Miskolci (2012, p. 48), na “visão das correntes teóricas e políticas inspiradas pelas diferenças, é necessário compreender o processo de subalternização para mudar a ordem hegemônica”. Nesse sentido, desvelar os discursos que fabricam o “outro” para se tornar alvo de piadas, chacotas, perseguições e violências no contexto escolar se faz necessário para a promoção de uma educação comprometida com a superação das desigualdades sociais.

Cena 3: as consequências da violência na escola: xingamentos, perseguições e sentimentos produzidos

1:00:25 - Às vezes eu vejo como as coisas poderiam ter sido, eu queria ser a pessoa que ela acha que eu sou.

1:00:34 - Os garotos podem ser as pessoas mais impiedosos do mundo, podem ser naturalmente cruéis.

1:01:09 - “Precisa ser homem”, “seja homem”, às vezes você só quer chorar.

1h01min21seg - Às vezes só o ódio é real no mundo. Você pode deixar de amar uma pessoa, mas o ódio parece continuar para sempre. As pessoas respeitam o ódio, ele fala, ele vibra.

1h01min46seg - Eles não precisam de uma arma para te ferir, eles usam palavras, risadas... gostam de te ver sangrar até morrer. Eles se divertem vendo você lutando contra o pranto, com um nó na garganta, vermelho, querendo chorar...e te dão um nome: “Lixeira”, “Cara de pizza”, “Tonto”, “Bicha”, “Fracassado”, “Esquisito”, “Aleijado”, “Retardado”... o nome faz algo com você, muda o seu ser, altera suas moléculas, até que um dia você acorda e se olha no espelho e não se reconhece mais, porque...passa a acreditar neles, eles vencem, você

perde, você quer implorar para ser deixado em paz, só que ninguém escuta, porque ninguém se importa.
Você não tem mais nome porque eles roubaram, e aí, um dia, eles dizem aquele nome e você ouve um estalo...
Você percebe o que precisa fazer, tem que reaver o seu nome, e precisa fazer isso na frente de toda a escola, pois foi lá que o roubaram de você, precisa fazer de forma que todos os garotos... se lembrem.
É uma questão de justiça... e depois de um tempo você só consegue pensar em um jeito:
...Joanesburgo...Springfiel...Paducah...Columbine

Após assistir um filme feito por Trevor, Val Duncan (Tom Cavanagh) professor de artes resolve entregá-lo para a diretora e polícia, pois o material continha cenas de violência, uso de arma de fogo, ameaças etc. conteúdos estes que violava as regras da escola. Os policiais e a direção, em posse do material, decidem confrontar Trevor acerca do conteúdo do vídeo. O aluno tenta explicar, mas é tratado de forma ríspida pelos policiais, até que um deles se levanta da mesa, vai até um televisor que está localizado em um móvel em frente a ela todos estão sentados e coloca a fita para rodar.

As imagens que surgem na tela mostram que durante o treino de futebol americano um atleta derruba outro aluno na lama, logo em seguida esse mesmo atleta “oferece ajuda ao colega”, rindo do que está deitado no chão, todo sujo de lama, estende a mão e sai arrastando-o pela grama. Com certo sentimento de superioridade, o atleta sai correndo em direção aos seus colegas rindo, enquanto isso o aluno agredido se levanta da lama e sai de cabeça baixa do campo.

Em outra cena mostra que os “valentões do time”, no refeitório jogam restos de comida, riem, apontam para o agredido, usam de xingamentos, para tentar desestabilizar a vítima. Performatizam corpos viris, que seriam “melhores” e mais “populares” que outros estudantes e que, tal fato, os legitimava para a produção e reiteração das violências.

Para Erikson (1972), construir uma identidade social implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores, e o que ele deseja seguir na vida. Para o autor, é na adolescência que esse processo se acentua.

Mas como pode um adolescente construir uma identidade positiva, se o meio em que ele frequenta, a todo tempo, tenta dissuadi-lo de quem ele é? Ao usar termos como “Bicha” (termo utilizado de forma pejorativa para designar homossexuais), fracassado, esquisito etc., os agressores impactam na construção da subjetividade da vítima, que passa a acreditar que, realmente, é aquilo que eles dizem. Afinal, todos dizem, todos riem. Dia após dia, você ouve que você é um fracasso, um lixo, um inútil. Chega um

momento em que a vítima não se enxerga mais enquanto pessoa, seu mundo se fecha, torna-se mais obscuro, não sabe a quem recorrer, todos a sua volta são algozes da sua dor.

Koyanagi *et al.* (2019) demonstram em números o problema global em saúde pública que é o *bullying*. Em um levantamento realizado com mais de 130 mil adolescentes, chegou-se ao resultado de que 32,5% dos meninos e 28,1% das meninas já foram vítimas de *bullying*. 10% dos meninos e 11,2% das meninas já tentaram suicídio. Trevor em meio ao caos que virou sua vida só pensa em uma coisa, vingança. Chega a citar atentados reais de adolescentes em escolas norte americanas que acabaram em tragédias, como *Columbine*.

No dia 20 de abril de 1999 aconteceu um massacre em uma escola de *Columbine* (*Columbine High School*). O que aconteceu foi um tiroteio na escola. Os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold mataram 12 alunos e um professor, além de deixarem mais de 20 feridos. O ataque foi planejado, criaram bombas caseiras, coquetéis *molotovs*, compraram várias armas e pensaram quando seria o melhor dia para o ataque.

Naquele dia 20 era época de prova “pré-formatura”, então a escola estava cheia. Os atiradores então armaram bombas na cafeteria da escola no horário em que estaria mais cheio para matar o maior número de pessoas possível, o que não ocorreu por uma falha nas bombas. Com isso, os atiradores pegaram suas armas e entraram na escola, atirando nos alunos e em professores que encontraram pelo caminho.

O contexto estadunidense não foi o único cenário para uma tragédia escolar. No Brasil vivenciamos o caso de Realengo (Rio de Janeiro). No dia 7 de abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, entra na Escola Municipal Tasso da Silveira com dois revólveres e dispara contra os alunos da escola, matando 12 estudantes, que tinham idade entre 13 e 15 anos e deixando mais de 20 alunos feridos.

Wellington era considerado uma pessoa muito tímida, reservada, não gostava de socializar, passava muito tempo no computador e era adotado. Em uma carta escrita, Wellington conta que sofreu *bullying* na época em que estudava na escola: "Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importar com meus sentimentos".

Conforme o depoimento de um ex-colega em entrevistas com jornalistas: "Certa vez no colégio pegaram Wellington de cabeça para baixo, botaram dentro da privada e deram descarga. Algumas pessoas instigavam as meninas: 'Vai lá, mexe com ele'. Ou

até o incentivo delas mesmo: 'Vamos brincar com ele, vamos sacanear'. As meninas passavam a mão nele (...). Esses acontecimentos datam no ano de 2001, quando estudava na escola. Depois desse massacre foi decretado luto nacional pela presidente do Brasil de três dias.

Nesse sentido, as histórias reais relatadas são representadas no filme analisado. O material apresenta cenas nas quais as práticas de perseguição constantes a determinados estudantes fazem com que pensamentos de vingança passem a ser produzidos. Nesse viés, a vingança possível parece ser a aniquilação dos agentes agressores como se, a partir do extermínio em massa, as feridas subjetivas pudessem cicatrizar. Todavia, cabe analisar que tais atitudes acabam por perpetuar e acentuar o cenário de violência entre pares e que pode ser manifestado em instituições escolares:

1h03min03seg - Uma arma, uma bomba, justiça instantânea... “e boom” ... Ah que emoção quando eles desenrolarem aquela fita amarela... que nome, que nome de fita amarela, uma fita não vai bastar quando terminar... e quando esses corredores estiverem inundados de sangue, quando os corredores estiverem congestionados com os corpos deles em sacos, todos vão dizer: “Ah que tragédia, que tragédia”, mas depois, depois de verem meus vídeos, não me julgaram tão rápido. Talvez essa seja a minha missão... então considero isso meu último testamento.

No que se refere ao contexto escolar, o componente Educação Física, com todo o seu amplo espaço para diálogo dos mais variados temas, permite um ambiente propício para trabalhar, por meio de dinâmicas, a prevenção de temas sobre violência, agressão e *bullying*. As práticas corporais, assim como as Artes, que no filme se vale do Teatro como mecanismo pedagógico de sensibilização e discussão sobre as relações entre escolares, possibilitam elaborar práticas interventivas comprometidas com o reconhecimento das singularidades humanas, desenvolvimento ético e formação cidadã.

Discussões e compartilhamento de experiências sobre as temáticas da violência escolar e *bullying*, assim como ocorrem nas disciplinas “Prática Pedagógica em Educação Física e Diversidade Humana - PIPE 04 do curso de graduação em Educação Física, da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, da Universidade Federal de Uberlândia, possibilitam aos futuros professores e professoras conhecer e criar estratégias de abordar, intervir e prevenir violências presentes no ambiente escolar.

Com relação a tudo que vimos sobre o assunto tratado, podemos fazer vários questionamentos: qual a diferença entre o filme e a realidade? Por que os autores de

bullying cometem essas agressões? Qual o papel dos professores e professoras no combate ao *bullying*? Será que os professores e professoras estão preparados/as, possuem formação e didática para combaterem o *bullying*? Será que a escola fornece apoio, tanto para os jovens quanto para as e os professores?

O filme nos mostra a complexidade que é tratar deste assunto, mas nos faz pensar em como podemos melhorar para conseguirmos diminuir, cada vez mais, as agressões que pessoas sofrem, tanto na escola quanto fora dela. Podemos ir além, pensando em como esses estudos se relacionam com as várias discussões sobre diversidade, a cultura das agressões nos esportes coletivos (nos quais os atletas agridem outros jogadores, tanto com agressões físicas quanto com agressões verbais, agridem os árbitros etc.) entre várias outras situações que, às vezes, não são consideradas *bullying*, mas partem de um princípio muito parecido para não dizer igual.

Considerações Finais

A prática do *bullying* precisa ser enfrentada pelas instituições escolares por meio do trabalho pedagógico dos e das profissionais que as compõem. Muitas vezes, falta preparação adequada para enfrentar essa forma de violência em relação a produção de conhecimentos que contribuam para lidar com tais situações.

Faz-se importante que professores/as e gestores/as em formação possam debater e discutir sobre o assunto durante o processo de formação inicial e permanente de profissionais da Educação. Nesse sentido, o artigo ora apresentado sugere potencialidades para essa empreitada, visto que materializa problematizações sobre o *bullying* possibilitadas em um componente curricular de um curso de graduação em Educação Física que, sugerimos, ser importante para a formação de futuros/as profissionais que estarão nas escolas.

Observando todos os problemas gerados pela prática do *bullying* na vida das pessoas e nos ambientes nos quais tal prática, uma forma possível de enfrentamento para o assunto seria investir na formação e trabalho pedagógico no sentido de reconhecer a existência dessas práticas nas dinâmicas escolares e nomeá-las para que seja possível planejar intervenções coletivas com o intuito de enfrentá-las. Destacamos também que no âmbito da formação inicial de professores e professoras, ainda se faz necessário pensar em disciplinas que agreguem uma carga didática suficiente para auxiliar no combate ao *bullying*, pois, o tema possui uma importância fundamental para a concretização dos objetivos da Educação propostos pela legislação vigente.

Referências

- BERNARDO, Elisângela da Silva; VASCONCELLOS, Katia. Ser professor, uma construção em três atos: formação, indução e desenvolvimento na carreira. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 37, p. 1-15, 2021.
- ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FAEFI. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. **Projeto Pedagógico de Curso** (Bacharelado/Licenciatura). Uberlândia: UFU, 2011.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 7 ed. Rio de Janeiro: Verus, 2012.
- LOPES NETO, Aramis Antônio. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, p. 164-172, nov. 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- LOPES NETO, Aramis Antônio; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.
- ROSA, Marcelo Victor da. **Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Florianópolis, 2004.
- SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt; DUQUE, Denise Franco; SILVA, Carolina Fermino da; SOUZA, Carolina Duarte de; ASSINI, Luciana Cristina; CARNEIRO, Maria da Glória de M. Carneiro. **A compreensão sistêmica do bullying**. *Psicologia em Estudo*, v. 17, p. 247-254, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- WEIMER, Weyboll Rocha; MOREIRA, Evando Carlos. Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 257-274, mar. 2014.

Recebido em fevereiro de 2023.
Aprovado em maio de 2023.